O tempo, as palavras e as águas: experiências de leitura em tempos de distanciamento

https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v39n81p9-11

Alan Victor Pimenta de Almeida Pales Costa[1]
Alda Romaguera[2]

Prezadas(os) leitoras(es),

Com grande satisfação apresentamos o volume 39, número 81, o primeiro da revista Leitura: Teoria & Prática no ano de 2021. O número segue com algum atraso de periodicidade, diversos fatores concorrem para esta perda do tempo exato da publicação.

A inexatidão do tempo nos convida a uma reflexão. Vivemos o tempo da palavra, da palavra que busca preencher o espaço de muitos distanciamentos, mas vivemos o tempo das palavras que não têm mais tempo. As palavras rememoram os tempos passados e carregam o presente com as marcas da saudade e da nostalgia. No mesmo compasso, as palavras que dizemos miram um amanhã no qual o encontro e o afeto possam ressoar abraços despreocupados e conversas mais tranquilas. Ao presente sobram poucas palavras, palavras cujo tempo esvaiu-se entre lembranças e planos e deixou-nos apenas o sem-tempo de uma cronometria. Tornou-se sensação comum essa de termos perdido o tempo. Ficamos apenas com o relógio, este sim, não descansa jamais e trabalha sobre nós, sobre nossos compromissos e quase nunca sobre nossos sentimentos. Isso porque o afeto demanda tempo, um tempo

1. Universidade Federal de São Carlos/SP.
2. Universidade de Sorocaba, Sorocaba/SP.

que já não temos e que distribuímos entre as saudades do passado e as esperanças do futuro. E o relógio, este nunca tem tempo para nada além de marcar as horas.

Algumas palavras permanecem fortes. Vivemos hoje a desconfiança da palavra e buscamos algumas que possam nos orientar. Mas o medo e o horror também chegam até nós por meio das palavras. Sofremos com a pandemia desmascarada de algumas palavras: ódio, morte, prevaricação; palavras batem à nossa porta e infeccionam nossos pulmões. Em cada esquina, cada casa é um campo de batalha para palavras de horror e falsa ordem. Mesmo a palavra daquele deus, cujo primeiro ditame teria sido o inominável, hoje empunha palavras como as chamas perpétuas dos tribunais de inquisição. O testamento dos antigos não retirou suas palavras de fome e de peste e ainda vivemos sob a vontade das palavras viróticas, da autoproclamação e dos arautos da vida e da morte.

Gerson Scholem (1897–1982), o moderno entre os cabalistas, filosofou a potência fluida das palavras e o palavrear como ato criador. A gênese do mundo foi descrita pelos antigos como um ato de palavra: faça-se, exista. E o movimento criador movimentou-se como Verbo da existência. Parte deste verbo é guardado por cada ato criador que dirigimos uns aos outros com palavras, reais e imaginárias. Neste sentido, a leitura de palavras sobre as páginas do mundo faz esbarrar letras e sons como o contato humano que tanto aguardamos. Quiçá o tempo de sermos juntos novamente volte a coincidir com aqueles ponteiros de relógio e nos faça encontrar um caminho para palavrearmos mais. Por esse caminho, palavras inspiram leituras a cada um dos textos aqui publicados.

Abrimos este número com o artigo: **Quando a experiência de leitura é tema para a escrita**, no qual Ilsa do Carmo Vieira Goulart apresenta experiências de leitura como um mote sinalizador de ações e relações de interlocução social que provocam sentimentos e emoções no sujeito leitor-escritor. O artigo **Leitura e compreensão de leitura em língua estrangeira**, de Marina Grilli, apresenta modelos teóricos da compreensão de leitura e estabelece correlações entre eles e os desafios encontrados, ao elaborar testes de verificação da leitura em língua estrangeira (LE). Sabrina da Silva Gava e Giovana Scareli, apresentam o movimento-reflexão de duas pesquisadoras-cartógrafas na passagem de um pensamento arborescente para um pensamento rizomático, utilizando-se de voos, pousos e janelas atencionais **Entre voos e pousos, uma cartografia de/em "Percy Jackson e o ladrão de raios"**. Em **Interlocução entre literatura infantil e educação: por uma prática humanizadora e crítico-reflexiva**, Juliana Sales Jacques aponta que a literatura infantil, quando escolarizada

numa perspectiva interacionista da linguagem, potencializa a formação de leitores críticos e reflexivos, cuja leitura da palavra amplia a compreensão e a produção de diferentes sentidos sobre o mundo. **O leitor de Letras: hábitos, suportes e estratégias**, formulado pelo grupo é um artigo escrito a muitas mãos, Celso Leopoldo Pagan, Andressa Aparecida Lopes, Adriana Giarola Figueiredo, Dayse de Souza Lourenço, Wéllem Aparecida de Freitas Semczuk e Eliane Provate Queiróz. As autoras e autor traçam um perfil dos hábitos e estratégias de leitura, tanto no suporte digital, como no impresso, de graduandos em Letras do Ensino a Distância. Por fim, o magistral ensaio: **Por uma ciência da imprevisão**, de Diego Winck Esteves e Máximo Daniel Lamela Adó, narra, não os resultados de uma pesquisa, que almejaria qualquer tipo de conclusão, mas a recorrente prospecção acerca de uma suposta ciência, a qual, por meio de experimentos, especulam por uma constituição possível de imprevisibilidade.

Neste momento, temos o prazer e o privilégio de contar com a belíssima capa de Crispim Campos (crispimcampos.com), gentilmente cedida à Leitura: Teoria & Prática, não apenas para deleite visual do leitor, mas como reflexão acerca de questões e encontros na atualidade.

Buscamos palavras que criem outros mundos, que arranhem a superfície e nos apontem outras possibilidades de presente.

palavráguas

vivas, moles,
líquidas, fluidas
águas vivas dançam _
anemonamente ...
molejam entranhadas
em minha mente
no sem som
de escuridão marinha
palavráguas
gotas azuis
águas quase vivas
moles, líquidas, fluidas
trans-luz-(em)-se _
pur'água brotando d'água _
entranhadamente

águas vivas misturam-se ¬
_ viajantes vidas _
navegantes
por marinhas superfícies

palavráguas
peles vazias,
corpos contorno e fios
lambem-se _ lambuzam-se de fogo
molhado, mole, fluido

vida palavra ardente _
água corrente _
palavraguadamente
(Alda Romaguera)

Desejamos uma ótima leitura a todas e todos.